

ASSIGNATURAS	
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

El jornal sou sempre parvulo fluctuante, e circumstancieiramente unido, confidencioso, e acquirido honrosamente, em aduana ad' circumstancieiramente excocto.
 St. Paulo, 24 de Junho de 1847. V. G. R. Epitapho.

Maranhão, 30 de Março de 1881

Propriedade de uma associação

AVISO.

Rogamos aos nossos dignos assignantes que, por motivos independentes de nossa vontade, deixarem de receber O PENSADOR, o obsequio de mandar prevenir no nosso escriptorio, á rua da Palma n.º 30, afim de que bies fallas sejam logo reparadas; e prevenimos aos que ainda o ignoram que as assignaturas deste jornal são cobradas adiantadas, como as de quasi todos os outros.

O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE MARÇO DE 1881.

O Capitolio e a Rocha Tarpêia.

Ha trez annos o Maranhão era preza de uma scena de jubilo enorme. Um freio de alegria percorria-lhe o organismo complexo. A provincia sentia em si esse alvoroço sensual de quem espera um grande acontecimento.

É que, privada durante tempos de um bispo, a população aguardava um que fôra nomeado. Habituada a não poder prescindir d'essa officialidade, esperava-o com impaciência febril. Queria ver esse que ia dirigir a consciência popular, queria conhecer aquillo que vinha revestido do caracter de seu pastor evangelico.

Fôra esse bispo é uma personagem, como personagem o Maranhão quiz recebê-lo. Toda a cidade se vestia de galas. O Governador intelligente do Bispoado—o Sr. Tavares, estampou-n'um jornal o programma da festa que ia ter lugar. Era uma festa solenne que começava na Tarpa e ia terminar na Sé. Preparada com uma *mise-en-scene* completamente theatral era feita para impressionar os espiritos d'aquelles que aguardavam ansiosos a vinda de um ministro de Christo.

O largo do Palacio estava todo embandeirado. Na extrema, que olha para o mar, erguia-se um pavilhão. Nesse pavilhão estavam diversos ornatos episcopaes. Desde o pavilhão até á Sé a multidão apinhava-se irrequieta. Naquelle vaga humana distinguiam-se cores variadas. Os fracs pretos luziam no pé dos patibais de eacadermia. Os drapeis de polly erguiam-se junto dos feltros e dos chapéus de palha da bofia. A *tenue* se-vira dos cavalheiros contrastava com o perfil garridamente esquisito das pretas e das mulattas, que, agas, enfeitadas, aguardavam o homem de Deus. Nas janelas as mulheres agglomeravam-se immensas cobrindo o flanco offitares cambias sobre o largo em que o bispo apparecia. Era um movimento de uma vida enorme, despertado pelo chamado pelo tradicional officialidade episcopal.

Os bispos demoravam. Re-... russo suldo a... as suas respeitadas de In-... thian. Houve uma bur-

barlho confuso, um sussurrar de vozes arrepejadas, uma orchestra surda de rumores pulmonares, uma aclamação tacita daquelle que sabia. Anotolava-se o povo para ver o perfil negro de S. Exc. Todas lhe fiam nas feições emmurmuradas o alegre promisso de um prospero futuro para a diocese. S. Exc. ainda não soltara uma duzia de palavras e já o julgavam um homem illustrado. Houve até quem o julgasse bonito, e as pretas de pente de laranja, de saia do matheza preta e de caniza de rendas, e as mulattas de vestidos de chita e de camizaria entrecadada em pertumes activamente indeliviveis, comentavam, em diltos misturados de risinhos convulsivamente alegres, os olhos o nariz, a bocca e as mais partes do organismo de S. Exc. Rm.

E o Bispo continuava a subir. Todos lhe saliram ao encontro pressurosos, S. Exc. entrou no pavilhão com um modo garboso de douzel que pela primeira vez montou n'um cavallo de batalla. Houve um silencio momentaneo na multidão. S. Exc. revestiu-se da mitra, e na mão prebendou o báculo. Mitra, dalmatica, baculo e bispo puzeram-se a caminho para a Sé. Abriam-se duas alas na multidão. O cortejo começou a desfilar ao som monotonos dos sinos e ás vozes dos sacerdotes que entoavam o *Ecce sacerdos magnus*. Na Sé tudo esperava S. Exc. Os santos pareciam agitar-se nos seus nichos empoirados. As velas de cera curvavam-se respeitosas como querendo cortejar S. Exc. A cadeira episcopal tinha extremecimentos de amor por aquelle que a ia possuir. As grades rangiam como desejando abraçar o juclito Bispo. E, em quanto a natureza muda dava provas de respeito para com o pastor evangelico, Theodoro Guignard esmagava os dedos d'encontro no teclado de um organo ingratu, e os mortos, de baixo das lages da Sé, dousavam com um fado de ossos vellos a canica e agradavel chuchada.

E S. Exc. entrava n'este momento na Igreja. Os cantores desfilavam então nas mais agudas e desafinadas. A multidão precipitava-se desordenada pelas portas do templo—pequena canal para aquella vaga revolta. O templo em breve se enchou. O recinto da Sé foi insufficiente para conter os curiosos. Paroeta que o Maranhão queria se metter fora a Calheirad. Os moleques, forçados a ficar no largo, faziam algazarra enorme, e o *chou habes cithou* misturavam o nome de S. Exc. A policia não podia control-os; Como em sablido de allieidia reconduzia a sua impotencia.

Durante este tempo S. Exc. subia para o altar mor. Depois das formalidades d'estylo sentou-se na sua cadeira. Houve uma breve pausa. Começou então o heija n'ro ao antes heija annel. Todos foram curvar-se perante S. Exc. e lhe beijaram a anathysta preza por um ato a seus dedos emmagrecidos. A sobrepeiza, a resaca preta, a *vestingate*, o palcio, a jaqueta, a saia singela, o vestido de follas, desfilavam perante as mãos do Bispo do Maranhão. E o Bispo do Maranhão, com modo abrigemente presentioso, estendia o appendice de seu braço áquelles a quem a febre do respeito pela autoridade invadira.

Mas tudo tem um fim. O heija-não cessou. S. Exc. sahio da Sé para tomar a esplendida collação que o Sr. Tavares lhe preparara. S. Exc. estava com fome e as horas não enchou o estomago. Sahio alegre, pois ia trocar o altar pela

meza eminentemente mais substancial. Foi n'um carro puchado por dois rucins, que, flando garbosos as orelhas, demoms travam o jubilo que sentiam por se vorem transformados em laldadores de S. Exc. O carro era seguido por Passalhem que, com a cauda estirada, lambia-se de gosto por ver que ia ser emmumensal de um bispo, honra que sempre almejava.

A collação foi esplendida. Perus, patos, gallinhas, a gollida immobillidade dos pratos travessos, aguardavam o dronhe agudo do bispo que os vinha espiacolar. O fonceido dos presuntos n'um sorriso gozdo dava os parabens a sua Exc. Rm. O quarto de carneiro, o classico quarto, estendia sua esser prothudencia para os labios arrexeidos do Sr. D. Antonio. Um beef-steak collocado n'uma moheira cubava uma especie de manselheza episcopal. Uma torta de carnaço preza de jubilo doudejava por sobre a mesa. Os copos, as facas, os garfos, as colheres, as saladeiras os galleteiros, as compoteiras, preza de uma convulsão nervosa, tentavam jubilosos, mirando-se no crystallino dos olhos de S. Exc. As garrafas, essas, doidas, apresentavam a S. Exc. o gargalo por onde o vinho em borrajes queria ir lavar o Sur. D. Antonio. Era na mesa uma febre indiscrípivel.

S. Exc. comeu, e depois foi para seu palacio. Foi acompanhado das bençãos de uma população. Foi dormir a sua praxeira monte no Maranhão. Foi dormir em cama ancia, tendo em perspectiva um futuro ridente. Por sobre elle adejavam sonhos cor de rosa, mais puez que o vinho que bebera, mais agradaveis que os accipres que tragara.

E, em quanto S. Exc. dormia, o Maranhão jubiloso sentia em si um immenso prazer por posse de um Bispo. Esperava-o uma amarga desillusão.

II

Offai para aquelle palacete que, com a frente voltada para o mar, se ergue no largo dos Bombeiros. Contempla aquella vivenda alegre em que outrora uma turma de alegres commensaes cedeava o vulto sympathico de José Joaquina Traves Belfort. Vide aquella casa, que já foi toda alegria, quando, araldado com um luxo elegante, lida as grades do seu portico engramalhadas pelos jasminheiros e pelas malvesias em flor.

Mas essa charara, mas esse palacio, está preza de uma enorme tristesa. Na escadaria, nos jardins reina uma inauria immensa. Nasce o capim no lado das flores derribadas, e os munges e o limo rubrem os degraus de pedra da escada.

E que a natureza, que nos consolera n'um herbe, o reflexo dos serres amarellos que em meio della habitam. Naquelle palacio vive actualmente um bispo leuciturno, um sacerdote colero que até introduzido a descorden como a introduzira na sua diocese. Esse ministro de Christo, esse príncipe da Igreja deixa rrimas por onde passa.

Revestido com enthusiasmo por um povo, veio com a sua falta de sensatez innocuar nas suas ovelhas a superstição. E as ovelhas rebelando-se contra o fanatismo que nellas queria plantar o pastor evangelico, tratam-no com o severo desdém de que elle é digno. Deixam-no só allí abandonado, sem lhe dispensar um atomio de consideração. Deixam-no vegetar como vegetam as linnas—esses reptis do mundo vegetal, plantas inúteis

que sugam a seiva das grandes arvores. Abandonam-no, porque elle, que fóra aclamado com enthusiasmo, so hoje é digno da mais pronunciada desconsideração.

Sim, esse bispo que o Maranhão recebeu com pompas e galas não digno se mostrou do apoio de seus diocesanos. Falto de luzes, despido de sciencia, privado d'illustração, esse homem veio—apostolo da discórdia, lançar as tribulações no seio de uma população, abandonado a administrar uma diocese opulenta, esse sacerdote nemhum tim mostrou na administração. Seus actos tiveram sempre o cunho de um capricho pueril. Nunca se apouca na lei para fazer, respectar as suas decisões. Bllissamente extravagante prestou-se no papel eminentemente ridículo de um tyranno de comedia. Nada fez pelo bem. Deixou o mal por onde passou.

Sim, o mal. Seu primeiro acto de audacia foi querer desenterrar o corpo de uma desgraçada que se suicidara. Neza a morte respeitou. E a este acto seguiram-se outros innumeros. Nas lousas desrespeitou as senhoras; e offendeu o povo do alto da tribuna. Foi grosseiro, incivil até mais não ser. Caspou a affronta nas faces de uma provincia. Gloriosa para seus auxiliares sacerdotes inimicidos, homens reconhecidamente desordidos. Com elles administra actualmente a diocese. São elles que por fim o transformaram em automato movido por suas paixões inconfessaveis.

E se esse bispo está hoje allí só, se nemhum respeito os habitantes d'esta terra assignam a seu pastor, é que a força do procedimento de S. Exc. abriu um largo abismo entre elle e o povo. O Bispo tornou-se incompativel á população, e essa incompatibilidade augmentando de dia para dia, tornou a posição de S. Exc. soberanamente caricata.

Nesse paro episcopal em que vive o Sr. D. Antonio nem um só homem de cuverções honestas ousa penetrar, a não ser movido por negocios ecclesiasticos. Ninguém lhe dá provas de respeito algum. Na rua S. Exc. passa como uma nullidade. São poucos os chapéus que o osam cortejar. Tratam-no com desdém um visinho do despezo. Já não é um bispo—é uma autoridade que, por incapaz, toda a força moral perdeu.

E por isso o palacio episcopal está triste. E só visitado por padres de figura patibular e por heutas de custimas dirtillosas. Allí não entra quem pensa; allí não ha uma pessoa digna que vá fazer diversão á foyada solidão de S. Exc. Todos d'elle logem como d'um leproso. S. Exc. tem a lepra moral da incapacidade.

E como tudo está mudado! Quão longe, vais, o tempo em que S. Exc. percorria triunfante as ruas d'esta cidade! Já te perdes nas brimmas do passado, e loda a tua gloria foi-se! Já ninguém offerece collações ao Sr. D. Antonio. Já as perus lhe não entam linnas. Já as muezas d'elle fogem. Já as mulattas o não acham bonito! Já o Passalhem não e commensal de S. Exc.! Já as rotas não o saudam quando S. Exc. passa! Já todo o triumpho voou!

O Capitolio acha se bem junto da rocha Tarpêia. O triumpho de que S. Exc. não era digno conduzio-o á triste posição em que actualmente se acha. O Sr. D. Antonio não era feita para a mitra. Descolado um possião de bispo, só podia descer.



Papim e como mil outros intrepidos lutadores, elle veio dos subterrâneos da sociedade para se nos impor pela honradez, pela energia de vontade, pela dignidade individual, pela intelligencia no trabalho.

Nunca teve quem o guiasse, quem o dirigisse, quem o lizesse homem — um dia appareceu, era bem criança ainda, um simples operario — trazia n'uma mão um compositor e na outra um punhado de tipos.

E desde então, sem esmorecer, sem descançar, affrontando todas as vicissitudes e todos os obstaculos, lutando e sempre lutando, com energia e dignidade, conseguiu — não occupar um barcovato ou uma commenda de qualquer coisa, mas fazer-se um aristocrata do trabalho, um honrado director de officina, um proprietario, um respeitavel chefe de familia, útil e independente, que, em vez de puzer-se a descansar, no egoismo de sua commoidade e entregar a casa aos cuidados do socio e do pessoal — vai elle mesmo, todos os dias, monjar ao lado dos officaes, dando com isso o melhor e o mais salutar exemplo a seus semelhantes.

Estudar a vida desse homem e prestar um bom serviço aos maranhenses, em geral tão pusillanimes, tão inconscientemente de seus deveres — e de seus direitos, tão fracos, tão passivos, tão escravidos do rei-destino, tão amigos do *leszaller*.

Nossa pena, que nunca se embobou na adulação para pintar com tinta alegre as virtudes imaginarias de algum pretendido, ella, que nunca accitou convergens de nenhum genero, que nunca se enfeitou para engrandecer ninguém, ella, que é feia, ama e atrevida, tem a maior honra, senão o maior prazer em esboçar nesta folha a vida de um distinto e honrado trabalhador.

Foi em 1852 que o actual proprietario do magnifico estabelecimento, exposto no dia 27 deste mez, principiou a trabalhar como administrador da typographia do fallecido Joaquim Corrêa Marques da Cunha Torres, em cuja companhia ficou até 1857, epocha em que arrematou em praça a typographia, tendo para isso de tomar a premio de 1% ao mez a necessaria importancia de 2:000\$.

Como se pode calcular, as difficuldades não se fizeram esperar, porém o novo empresario, que tinha uma idea fixa, trabalho com mais ardor, economizou, poupo, até que em 1863 conseguiu exonerar-se da divida e poder a final chamar seus os resultados de seu trabalho.

Mas não se podia conformar um espirito emprehendedor com os prelos manuzas e com os imperfeitos materiais de que dispunha a typographia; era necessario ampliar o trabalho e dar-lhe um caracter mais serio. Frias não hesitou — commetteu nova divida, e foi ao Rio, onde adquireu um prelo mechanico. Isto era uma verdadeira novidade para o Maranhão, que ainda não possuia um prelo nessas condições. Em seguida fez vir da Europa uma machina de cortar papel e uma prensa do systema *Poirier*.

Em breve o novo prelo pagou as despesas e começou a produzir lucros mais lisongeiros. O proprietario porém não se deixou fascinar por isso e pensou em melhorar as condições de sua casa. A officina era acanhada, insufficiente e tornava-se necessario conquistar palmo a palmo o terreno que tinha em torno do si. Foi desalojando hoje os moradores de um quarto, amanhã outros, já tomando um corredor, já removendo uma escada, já derribando uma parede, já entrando um pedago pelo qumal, que o perseverante Frias alargou seus dominios e estendeu sua officina.

Quando em 1870 se achou senhor do campo comprou todo o edificio. Mas a grande questão é que o prelo, apesar de immenso, estava em um estado deploravel — era um velho casarão arriuinado, cheio de subterrâneos e fundos escuros, de aguas furtadas, um amontoado de quartos mal amanhados, sem ordem e

sentidamente. O que não seria necessario para restaurar aquella habitação!

O homem porém não esmoreceu e, a proporção que economisava, ia reconstruindo sua casa.

Principiou pelos commodos destinados a familia, e não entrava avari, e não acabava mex, que não se substituisse uma tábua, que não se concertasse uma parede.

Em 1873, achando o infatigavel proprietario que sua vida estava mais espremeada, metten-se em novos trabalhos — fundou o *Diario do Maranhão*, e tomou a seu cargo, além da direcção da typographia, mais a direcção de um jornal.

Este deu um novo impulso ao estabelecimento e trouxe novos melhoramentos a officina.

O facto é que a casa, em vez de envelhecer com o tempo, ia renovando todos os dias; e o andar superior, já parte destinada aos commodos da familia, apresentava já o effeito alegre e confortavel de uma casa em primeira mão.

Por esse tempo já não se achava só o nosso heroe — tendo um filho — Sizio Frias, entendem que, em vez de lazer delle um doutorado, melhor seria dar-lhe uma educação pratica como a sua.

Sizio Frias desde os 6 annos de idade frequentou alternativamente a escola e a officina. Largava os livros para tomar os tipos.

Gracias a tão sã educação o filho não desmentiu o pai — nunca o abandonou, trabalhou sempre a sua esquerda e afinal associou-se a elle. Quando viu a sua posição definida e o seu futuro certo, Sizio, comprehendendo que a estabilidade é indispensavel a um artista, casou-se, e mesmo na independencia deste ultimo estadio não quiz abandonar seu velho companheiro de trabalho, seu melhor amigo, seu pai — foi morar com elle.

Como a prosperidade não mais é do que uma consequencia logica do methodo e da perseveranca no trabalho, a officina de Typographia de Frias & Filho sempre prosperou.

E foi dessa forma que o publico surpreendeu-se de ver no dia 27 um espaço e completo estabelecimento typographico, como por encanto, surgir, na rua da Palma n. 6.

O que fica dito só tem dois fins — não deixar no esquecimento o heroismo de um homem, que se faz bemcorrido de nossa provincia, dotando-a com uma boa officina; e apresentar aos moços sem coragem e perseveranca uma exemplo de quanto pode a vontade bem dirigida e o trabalho bem aproveitados.

Tudo o homem tem obrigação de trabalhar, trabalhar sempre — a vida não é um gozo, nem um martyrio, é simplesmente um dever, um dever de que nos encarregamos e do qual devemos procurar nos salvar o melhor possível.

Infeliz, muito infeliz daquelle, que emquanto tanto preparado para si e nunca teve de lutar pela existencia, nunca teve occasião de revelar sua capacidade intellectual ou moral. Infeliz, muito infeliz desse, porque elle nunca gosou o maior prazer deste mundo — o prazer de ser homem.

Um facto altamente importante, succedido recentemente entre nós, acaba de revolucionar o mundo religioso, scientifico, litterario, artistico, e ainda com nousejo a mais completa confusão — o exm. sr. D. Antonio, possuido daquelle logo sagrado que lhe conferimos, remindo todos os recursos de seu genero, resolveu provar as multitudes pasuadas, que elle não é um simples gallo, como erroneamente tinhamos avuçado, mas sim, que é, foi e será — um puro sabão!

Sabão genuino, sabão da mata! Para longe o co-ro-ro-co enfadonho e estafado, para bem longe! que vamos agora ter o bello trinado, o mavioso pipitar o termo chilrar!

Almas! que vos fecheis sabiamente ao sópro quente das paixões mandanas, po-

deis abrir vossos petalos cor de rosa, que vão deslizar dos labios de s. exc. um murmúrio suave e doce.

Mundo! que rodas no burburio louco de tua vida, para por um instante o movimento convulsivo de teu ventre, que s. exc. vai cantar.

Gerações de factoras! por um instante suspende o ruído da locomotiva, fecha o apito da cabreira, tira a engrenagem das rodas, desparafusa as mulecinhas de costura, encosta a um caulo a picareta, solta todos os instrumentos barulhosos, mette as violas no sacco, que s. exc. quer dar o dô do peito!

Silencio, milhões! Bada então, á povo! que ali vem o *Dô*!

Atenção! atenção! — illa esse *dô* que vem!

Enão! * vem ou não vem o *dô*? O podemos dispensar — quecedo-o a todo tranço — já não podemos passar sem o nosso *dô*! O *dô* é toda a nossa esperança! é a nossa fé! é a nossa fôrça!

Seu elle o que será de nós?!

Que nos tragam o nosso querido *dô*, o nosso desejo, o desejo de nosso coração! Si não o trouxerem, si o negarem deshumilhantemente, nós o iremos buscar, nós o arrancaremos da garganta de s. exc. — a gancho.

Tambem era só que falava — que nós, um bando desesperado de ovelhas, levassimos a esperar tanto tempo, levassimos a esperar a expectativa de alguma coisa, e afinal, quando rompe-se o reposteiro, quando nos apparece o enviado de s. exc. annunciando que elle finalmente revelou-se, que a montanha afinal decido-se, que enfim appareceu uma idea, um principio, uma philosophia — era só o que faltava que nos dissessem — Tê-am paciencia, amigos, mas vocês não terão ainda o supremo fructo das meditações profundas do grande homem, não possuirem por ora o resultado subtil dos delicadissimos estudos, não terão a lina flor da sabedoria, não gosario já do carão mysterioso de tanta sciencia! Resignem-se, mas por enquanto não saborearão a preciosa gemma! Não! não! e não! porque vocês ainda são muito crianças e não podem apreciar estas cousas! Mais tarde, quando lhes sahirem os dentes do siso, então sim! appareça por cá, que lhe confiaremos a meta!

Mas, si tal successo, nos provariamos que estamos a altura do sublime *dô* de s. exc.

E si elle replicasse o seguinte: — Não! jovens annos inexperientes — vocês ainda não podem dar ao meu *dô* o seu verdadeiro valor — meu *dô* é um *dô* do futuro!

Nos responderiamos: — O exe. senhor! nós prometemos e juramos estudo e attentamente — nós o observaremos por todos os lados — nós o amolleceremos ao lume e o reduziremos a massa; depois o estenderemos cuidadosamente a uma tábua e lhe passaremos por cima o rido, depois o dividiremos em pequeninos pedacinhos, o faremos seccar, o torcaremos em pó e o distribuiremos pelos principaes sabios do mundo, dando uma particella a cada academia de sciencia para ella a estudar no espaço de muitos annos!

E si s. exc. replicasse ainda! — Não! vocês podem reduzir-o a massa, fazer delle uma pilula e depois engullir-o — nada! deixemo-nos de brincadeira!

Nos diriamos: — Oh! por piedade, senhor! ao menos dê-nos a metade do *dô*. Mas s. exc. podia responder: — Nem a vigesima parte! — não resto! e é inutil leuarem! Deixem que as gerações se succedam e se desenvolvam! deixem que a humanidade se aperfeçõe! deixem que o mundo chegue a sua ultima palavra, e então terão o *dô* inteiro, o *dô* por extenso!

Nós então avuçariamos: — Mas, si v. exc. não estava resolvido a confiar-nos o *dô*, para que o botou tão cedo?! Antes, mil vezes antes! o guardasse silenciosamente nas entranhas!

E si elle acrescentasse! — Eu vos explico, milhões queridas bestas — quando eu estava no meu estado interessante de *men dô*, quando eu trazia nas entranhas

essa gemma divina, vivia como que encajado e cheio — o *dô* aboborava-me dentro de mim de estranho e incommodo, principiu privando-me os movimentos e acabou tomando-me a respiração; ora, eu tambem não podia viver práhi eternamente como uma glóia — o *dô* que tivesse paciencia, mas era preciso desajajá-lo — e eu botou-o. Mas logo que percebi que vocês queriam se apoderar delle, dê-se contaigo — cho mostra, o tornei a sorvel-o, sem intenção de nunca mais expô-lo — elle cá me fica! elle de cá não sabrá tão cedo!

Nós então, á vista dessa pertinacia, só teramos um recurso — abrir um furoculo na barriga de s. exc., expremel-o e fazer sahir, o *dô* ás vidras milhões, como a poça de um freguio.

Enfim, seja como for, haveremos de empregar todos os recursos para que não nos venha a faltar o *dô*.

Entretanto, leitor paciente, tudo o que vou dizer a propósito de *hypothese* — no fundo estão os plenamente convencidos de que s. exc., dotado como é de uma alma generosa e de um coração libalado, s. exc., a quem não falta a razão politica e o alto fino musico, não querera privar o seculo XIX da sua maior gloria, não consentirá que as gerações coevas triumphem o pó da abjeção e da mendicância, e morram a miúdo dessa nota sublime, que encerra em si todo o esforço da sabedoria divina e todo o atom e da sabedoria humana.

Mas, si por uma dessas fatalidades imprevistas, por uma dessas leis, que Deus escreveu com letras de fogo nos livros do Destino e que não dá a nós olhos pios do homem conhecer e desfaldar, si s. exc. não nos dar diffinidamente o suspirado *dô*, então, para que não succumbamos de todo a ignorancia e no aviltamento, digam-se s. exc. ao menos cantar a — *Maria Carmen*!

EXPEDIENTE.

Fomos obsequiados com um exemplar do — *Relatorio* — apresentado pelo Exm. Sr. Dr. Benjamin Augusto de Alacida, um digno Presidente desta provincia, á Assembleia Legislativa Provincial.

Neste trabalho mostra S. Exc. um atturado estudo sobre a Provincia, pela attentividade com que trata de todos os ramos do serviço publico, provando assim o interesse que liga as cousas da nossa terra, e as boas intenções de que se acha revestido para o engrandecimento e prosperidade da mesma, cujo governo lhe foi em tão boa hora confiado.

Agradecemos.

Recorremos:

O *Observador*, (Caxias); o *Sarcio* e o *Americano*, (Carle); A *Bussola*, da cidade da Ygita, (Paris); e A *Liberdade* — importante periodico que se publica em Belem capital do Para. E mais uma voz authoritaria que se ergue para combater o despotismo politico e religioso.

No proximo numero occuparemos desse attor jornal.

A's illustradas rode e em troca enviaremos

Maranhão — Impresso